

A ESPIRITUALIDADE COMO AÇÃO LIBERTADORA:

Graça, Transformação e Esperança

Bruno César Castello Ananias¹

Resumo: Este ensaio propõe uma reflexão sobre a espiritualidade cristã como experiência integral de libertação, articulada em três dimensões: graça salvífica, graça santificante e graça glorificante. A partir da Escritura, da tradição patrística, escolástica e reformada, o texto mostra que a espiritualidade não é fuga do mundo, mas imersão transformadora nele. A graça é apresentada como dom preveniente, força de renovação e horizonte escatológico, capaz de sustentar a fé e o compromisso com a justiça. Em um contexto marcado por crises sociais e existenciais, a espiritualidade cristã revela-se como caminho de esperança e ação libertadora.

Palavras-chave: espiritualidade cristã; graça; libertação; esperança; escatologia.

Abstract: This essay offers a theological reflection on Christian spirituality as an integral experience of liberation, structured around three inseparable dimensions: salvific grace, sanctifying grace, and glorifying grace. Drawing from Scripture, the patristic tradition, scholastic theology, and the Reformation, the text argues that spirituality is not an escape from the world, but a transformative immersion in it. Grace is presented as a prevenient gift, a renewing force, and an eschatological horizon that sustains faith and commitment to justice. In a world marked by social and existential crises, Christian spirituality emerges as a path of hope and liberating action.

Keywords: Christian spirituality; grace; liberation; hope; eschatology.

Resumen: Este ensayo presenta una reflexión teológica sobre la espiritualidad cristiana como experiencia integral de liberación, articulada en tres dimensiones: la gracia salvífica, la gracia santificante y la gracia glorificante. A partir de la Escritura y del diálogo con la tradición patrística, escolástica y reformada, se argumenta que la espiritualidad no implica evasión del mundo, sino una inmersión transformadora en él. La gracia se entiende como don preveniente, fuerza renovadora y horizonte escatológico que sostiene la fe y el compromiso con la justicia. En medio de las crisis sociales y existenciales contemporáneas, la espiritualidad cristiana se revela como camino de esperanza y acción liberadora.

¹ Doutorando em Linguística – Análise de Discurso (IEL-UNICAMP); Mestre em Ciências da Linguagem (UNIVÁS); Bacharel em Teologia: Doutrina Católica (UNINTER); Licenciado em Letras (UNIVÁS) e em Pedagogia (UNINTER). E-mail: b.castello@hotmail.com.

Palabras clave: espiritualidad cristiana; gracia; liberación; esperanza; escatologia.

“A espiritualidade que liberta não se ausenta do mundo — ela o atravessa com graça, transforma com esperança e caminha com os olhos voltados para o eterno.”

Introdução

A espiritualidade cristã nasce como experiência de libertação. Desde as primeiras páginas da Escritura, o Deus que se revela é aquele que escuta o clamor do seu povo e o arranca da escravidão (Êx 3,7-8)². O Êxodo torna-se, assim, paradigma da ação divina: não um mito distante, mas a memória fundante de que a fé é sempre encontro com um Deus que liberta. Essa memória atravessa os profetas, que anunciam a justiça como sinal da presença de Deus, e encontra sua plenitude em Cristo, o Ungido que proclama “libertação aos cativos” e inaugura o tempo da graça (Lc 4,18)³.

A ação libertadora, porém, não se reduz a um evento histórico ou a uma promessa futura: ela se atualiza na vida concreta dos fiéis. O apóstolo Paulo recorda que a justificação é dom gratuito, recebido pela fé e não pelas obras da lei (Rm 3,28)⁴, enquanto o apóstolo Tiago insiste que a fé sem obras é morta (Tg 2,17)⁵. Longe de se contradizerem, ambos revelam a dinâmica da graça: a fé é raiz, as obras são fruto; a salvação é dom, a vida transformada é resposta.

Este ensaio busca refletir sobre a espiritualidade como vivência da ação libertadora de Deus, articulando três dimensões inseparáveis: a libertação como dom recebido (graça salvífica), como caminho de transformação (graça santificante) e como horizonte escatológico (graça glorificante). Ao percorrer esse itinerário, pretende-se mostrar que a espiritualidade cristã não é fuga do mundo, mas imersão mais profunda nele, iluminada pela graça que salva, santifica e conduz à glória.

Diante da complexidade da experiência cristã e da diversidade de suas tradições, este ensaio propõe uma reflexão teológica que transita com liberdade e respeito entre os fundamentos da espiritualidade católica e protestante. A articulação entre graça salvífica, santificante e glorificante é construída a partir da Escritura e da tradição — patrística, escolástica e reformada —, revelando uma espiritualidade que não se limita a fronteiras confessionais, mas se abre ao

² BÍBLIA SAGRADA, Êx 3,7-8.

³ BÍBLIA SAGRADA, Lc 4,18.

⁴ BÍBLIA SAGRADA, Rm 3,28.

⁵ BÍBLIA SAGRADA, Tg 2,17.

compromisso ecumênico com a transformação da realidade. Trata-se de uma proposta que valoriza a riqueza da fé cristã em sua pluralidade, sem perder de vista a urgência pastoral e profética do tempo presente.

Desenvolvimento

1. A libertação como dom de Deus (graça salvífica)

a. A graça como iniciativa divina na Escritura

A espiritualidade cristã encontra seu fundamento primeiro na convicção de que a salvação é dom gratuito de Deus. Desde o Antigo Testamento, a revelação divina apresenta a libertação como iniciativa soberana do Senhor, que age em favor do seu povo antes mesmo de qualquer mérito humano. O Êxodo é o paradigma dessa ação: “Eu vi a aflição do meu povo no Egito, ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores e desci para libertá-lo” (Êx 3,7-8)⁶. A libertação não nasce da força de Israel, mas da compaixão de Deus que intervém na história.

Os profetas retomam essa lógica. Isaías anuncia: “Vós todos que tendes sede, vinde às águas; vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei, sem pagar” (Is 55,1)⁷. A salvação é apresentada como banquete gratuito, acessível a todos. Oseias, por sua vez, descreve o amor de Deus como fidelidade que não se cansa, mesmo diante da infidelidade humana (Os 11,1-9)⁸. A misericórdia divina é sempre preveniente, anterior à conversão do povo.

Nos Salmos, essa experiência se torna oração: “Não é por nossos méritos, Senhor, não é por nossos méritos, mas pelo teu nome dá glória, por causa do teu amor e da tua fidelidade” (Sl 115,1)⁹. A espiritualidade bíblica é marcada pela consciência de que tudo procede da graça.

No Novo Testamento, essa lógica atinge sua plenitude em Cristo. O Evangelho de João resume: “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16)¹⁰. A iniciativa é divina: é Deus quem ama, quem entrega, quem salva.

As parábolas de Jesus reforçam essa gratuidade. O filho pródigo (Lc 15,11-32)¹¹ não é acolhido porque mereceu, mas porque o pai corre ao seu encontro. Os trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16)¹² recebem o salário não segundo a lógica do mérito, mas da generosidade do dono.

⁶ BÍBLIA SAGRADA, Êx 3,7-8.

⁷ BÍBLIA SAGRADA, Is 55,1.

⁸ BÍBLIA SAGRADA, Os 11,1-9.

⁹ BÍBLIA SAGRADA, Sl 115,1.

¹⁰ BÍBLIA SAGRADA, Jo 3,16.

¹¹ BÍBLIA SAGRADA, Lc 15,11-32.

¹² BÍBLIA SAGRADA, Mt 20,1-16.

A espiritualidade cristã nasce, portanto, da experiência de um Deus que dá antes de exigir, que ama antes de ser amado.

O apóstolo Paulo sistematiza essa convicção em sua teologia da justificação: “Concluímos que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3,28)¹³. Para o apóstolo, a salvação não é conquista humana, mas dom recebido pela fé. Em Gálatas, ele insiste: “Sabemos que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2,16)¹⁴. E em Romanos 5,20, afirma que “onde abundou o pecado, superabundou a graça”¹⁵. A lógica da graça é sempre excedente: Deus dá mais do que o ser humano pode imaginar ou merecer.

Essa perspectiva bíblica estabelece o alicerce da espiritualidade cristã: antes de qualquer resposta humana, há um Deus que age, que chama, que liberta. A fé não é esforço para alcançar Deus, mas acolhida do dom que já foi oferecido. A espiritualidade é, assim, resposta agradecida à iniciativa divina.

b. A leitura patristica: Agostinho e o combate ao pelagianismo

A reflexão sobre a graça encontrou em Agostinho de Hipona (354–430) um de seus maiores intérpretes. Sua experiência pessoal, narrada nas *Confissões*, já revela a convicção de que a vida cristã é antes de tudo fruto da iniciativa divina: “Tarde te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim, e eu fora...” (Conf. X, 27)¹⁶. Para Agostinho, até mesmo o desejo de buscar a Deus é já efeito da graça que precede e move o coração humano.

Essa convicção se tornou ainda mais clara no contexto da controvérsia com o pelagianismo. Pelágio defendia que o ser humano, dotado de livre-arbítrio, poderia alcançar a perfeição moral sem a necessidade da graça preveniente. Contra essa visão, Agostinho insistiu que a salvação é dom gratuito: “Não é pela lei, mas pela fé que somos justificados; não pelas obras, mas pela graça” (*De gratia et libero arbitrio*, 6)¹⁷. A graça não apenas auxilia, mas é absolutamente necessária para que o ser humano possa sequer iniciar o caminho da fé.

Para Agostinho, a graça é preveniente (vem antes de qualquer mérito), operante (transforma o coração) e cooperante (sustenta a resposta humana). Essa tríplice dimensão mostra que a espiritualidade cristã não é conquista, mas resposta. O livre-arbítrio não é negado, mas curado

¹³ BÍBLIA SAGRADA, Rm 3,28.

¹⁴ BÍBLIA SAGRADA, Gl 2,16.

¹⁵ BÍBLIA SAGRADA, Rm 5,20.

¹⁶ AGOSTINHO, 1997, p. 271. — Nesta passagem das *Confissões* (X, 27), Agostinho expressa a busca inquieta do coração humano por Deus, núcleo de sua espiritualidade.

¹⁷ AGOSTINHO, 2003, p. 45. — Obra escrita em 426, no contexto da controvérsia contra os pelagianos, em que Agostinho defende a necessidade absoluta da graça divina sem negar a liberdade humana.

e elevado pela graça. Assim, a liberdade humana só encontra sua plenitude quando se abre ao dom divino.

Essa visão patrística moldou profundamente a tradição ocidental. A espiritualidade, nesse horizonte, é sempre marcada pela gratidão: não é o homem que sobe até Deus, mas Deus que desce até o homem. A oração, a liturgia e a vida moral são compreendidas como resposta ao amor proveniente de Deus, que “nos amou primeiro” (1Jo 4,19)¹⁸.

c. *A escolástica medieval: Tomás de Aquino e a relação entre natureza e graça*

Se Agostinho estabeleceu as bases da reflexão sobre a graça como dom proveniente, a escolástica medieval buscou sistematizar essa intuição em diálogo com a filosofia aristotélica. Entre os grandes mestres, Tomás de Aquino (1225–1274) ocupa lugar central. Em sua *Summa Theologiae* (I-II, q. 110)¹⁹, Tomás define a graça como “uma participação na própria vida divina”, sublinhando que não se trata apenas de auxílio externo, mas de realidade interior que transforma o ser humano.

Para Tomás de Aquino, a graça é *habitus infusus*, ou seja, uma disposição sobrenatural infundida por Deus na alma, que a capacita a agir de modo divino. Ele distingue entre graça habitual (estado permanente que santifica a pessoa) e graça atual (auxílios pontuais que movem a vontade para o bem). Essa distinção permitiu compreender como a graça não apenas inicia a vida cristã, mas a sustenta continuamente.

Outro ponto decisivo em Tomás é a relação entre natureza e graça. Contra visões que opunham radicalmente o humano e o divino, Tomás afirma que “a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa” (*gratia non tollit naturam, sed perficit*)²⁰. Isso significa que a ação libertadora de Deus não anula a liberdade humana, mas a eleva, curando-a de suas feridas e orientando-a para o seu fim último, que é a união com Deus.

Essa síntese escolástica teve grande impacto na espiritualidade cristã. Ela mostrou que a graça não é apenas perdão, mas também elevação ontológica: o ser humano, pela graça, participa da vida divina e é capacitado a viver segundo o Espírito. A vida moral, nesse horizonte, não é mero esforço ético, mas fruto da graça que transforma a natureza e a conduz à plenitude.

Assim, a escolástica medieval reforça a convicção de que a libertação é dom de Deus, mas um dom que não aliena o humano: ao contrário, o realiza em sua máxima possibilidade. A

¹⁸ BÍBLIA SAGRADA, 1Jo 4,19.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 512. — Aqui Tomás apresenta a graça como *habitus infusus*, um dom sobrenatural que aperfeiçoa a natureza humana.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 514. — A célebre frase “a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa” sintetiza a visão escolástica da relação entre criação e graça.

espiritualidade cristã, nesse sentido, é sempre experiência de plenitude, em que a graça e a liberdade se encontram em harmonia.

d. A Reforma: Lutero e Calvino

O século XVI foi marcado por uma profunda redescoberta da centralidade da graça, especialmente nas figuras de Martinho Lutero (1483–1546) e João Calvino (1509–1564). Ambos, em diálogo crítico com a tradição medieval, insistiram que a salvação é dom gratuito de Deus, recebido pela fé, e não resultado de méritos humanos.

Para Lutero, a experiência decisiva foi a leitura de Romanos 1,17: “*O justo viverá pela fé*”²¹. Essa passagem lhe revelou que a justiça de Deus não é apenas atributo condenatório, mas dom que justifica o pecador. Daí nasce o princípio da *sola gratia*²²: a salvação é unicamente pela graça, sem a mediação de obras meritórias. Em sua obra *Da Liberdade Cristã* (1520), Lutero afirma que o cristão é “senhor de todas as coisas, livre de todos; e, ao mesmo tempo, servo de todas as coisas, sujeito a todos”²³. A graça, portanto, liberta do peso da lei e abre para o serviço amoroso ao próximo.

Calvino, por sua vez, sistematizou a teologia da graça em sua obra *Institutas da Religião Cristã* (1536). Para ele, a graça se manifesta na eleição divina, pela qual Deus chama e sustenta os fiéis²⁴. Embora enfatize a soberania de Deus, Calvino não reduz a graça a um decreto abstrato: ela se concretiza nos meios de graça, especialmente no Batismo e na Ceia do Senhor, os dois sacramentos que reconheceu como instituídos por Cristo. A graça, portanto, não é apenas realidade interior, mas também experiência comunitária, celebrada na vida da Igreja.

Tanto Lutero quanto Calvino reagiram contra práticas que, em sua visão, obscureciam a gratuidade da salvação, como a venda de indulgências ou a ênfase excessiva no mérito humano. Ao recolocar a graça no centro, a Reforma não apenas renovou a teologia, mas também a espiritualidade: o fiel é chamado a viver da confiança radical em Deus, sustentado pela Palavra e pelos sacramentos.

Essa redescoberta da graça, contudo, não rompe totalmente com a tradição anterior. Em continuidade com Agostinho, os reformadores reafirmaram que a iniciativa é sempre divina e que a liberdade humana só encontra sentido como resposta. A novidade está no modo como

²¹ BÍBLIA SAGRADA, Rm 1,17.

²² LUTERO, 1995, p. 21. — Nesta passagem, Lutero introduz o princípio do *sola gratia*, segundo o qual a salvação é dom gratuito de Deus, independente das obras humanas.

²³ LUTERO, 1995, p. 33. — Aqui Lutero formula o paradoxo da liberdade cristã: o crente é livre de todas as coisas pela fé, mas se torna servo de todos pelo amor.

²⁴ CALVINO, 2006, p. 87.

essa convicção foi radicalizada e sistematizada, tornando-se princípio estruturante da vida cristã.

Mas a graça, sendo dom, não se limita a ser acolhida: ela se desdobra em caminho, moldando a vida concreta do crente e tornando-se força de transformação cotidiana. É nesse movimento que se compreende a dimensão santificante da graça, onde a fé recebida se traduz em vida renovada.

2. A libertação como caminho de transformação (graça santificante)

Se a libertação é dom, ela também é caminho. A graça que salva é a mesma que santifica, transformando a vida concreta do crente. Nesse horizonte, a tensão entre os apóstolos Paulo e Tiago não deve ser lida como contradição, mas como complementaridade. Paulo insiste que “o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3,28)²⁵, sublinhando que a salvação é dom gratuito e não conquista humana; Tiago, por sua vez, adverte que “a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma” (Tg 2,17)²⁶, recordando que a fé autêntica não se reduz a adesão intelectual, mas se manifesta em gestos concretos de amor e justiça. A tradição patrística já percebia essa complementaridade: Agostinho afirmava que a fé verdadeira é aquela que “opera pelo amor” (Gl 5,6)²⁷, unindo dom e resposta. A Reforma retomou essa tensão: Lutero, embora inicialmente desconfiado da Epístola de Tiago, reconheceu que ela denuncia uma fé estéril, sem frutos.

Essa complementaridade encontra expressão visível nos sacramentos, que são sinais eficazes da graça e compromissos de vida. O Batismo inaugura a existência cristã como passagem da escravidão do pecado para a liberdade dos filhos de Deus: “fomos sepultados com Cristo pelo batismo na morte, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, assim também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6,4)²⁸. Não se trata apenas de rito de iniciação, mas de libertação real, que marca o início de um caminho de santidade. O sacramento da Reconciliação prolonga essa dinâmica, permitindo que a graça restaure continuamente o coração humano. Ao receber o perdão, o fiel experimenta a libertação da culpa e a reconciliação com a comunidade, tornando-se sinal de que a misericórdia é mais forte que o pecado (Jo 20,22-23)²⁹. A espiritualidade cristã, assim, não é perfeccionismo moral, mas confiança na graça que reergue e transforma.

²⁵ BÍBLIA SAGRADA, Rm 3,28.

²⁶ BÍBLIA SAGRADA, Tg 2,17.

²⁷ BÍBLIA SAGRADA, Gl 5,6.

²⁸ BÍBLIA SAGRADA, Rm 6,4.

²⁹ BÍBLIA SAGRADA, Jo 20,22-23.

Na Eucaristia/Ceia do Senhor, a libertação se torna alimento e comunhão. Cristo se oferece como pão vivo (Jo 6,51)³⁰, sustentando os fiéis na luta contra as forças de opressão e solidão, e unindo-os no corpo eclesial: “o cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?” (1Cor 10,16)³¹. A mesa eucarística é, portanto, lugar de libertação e de fraternidade, onde a fé se torna obra de comunhão e solidariedade.

A tradição católica reconhece sete sacramentos, enquanto Lutero e Calvino restringiram-nos a dois — Batismo e Ceia —, considerando os demais como práticas legítimas, mas não instituídas diretamente por Cristo. Essa diferença, longe de ser apenas divergência doutrinária, pode ser lida como oportunidade de diálogo ecumênico: em todas as tradições, o essencial é afirmar que a graça não é apenas promessa futura, mas realidade presente, vivida na comunidade e sustentada pela prática sacramental.

Assim, a espiritualidade cristã se revela como processo: a fé recebida se traduz em obras de justiça, a graça acolhida se torna vida transformada, e a libertação celebrada nos sacramentos se prolonga em gestos concretos de reconciliação, solidariedade e amor.

E, no entanto, mesmo essa graça que sustenta o presente aponta para além de si: abre o coração à esperança de uma libertação plena, quando a fé se consumará em visão e a comunhão em glória. É nesse horizonte que a espiritualidade se projeta para o futuro, iluminada pela promessa da graça glorificante.

3. A libertação como horizonte escatológico (graça glorificante)

A ação libertadora de Deus não se esgota no passado da redenção nem no presente da santificação: ela aponta para o futuro da glória. A Escritura descreve esse horizonte com imagens de plenitude e vitória. Paulo afirma que “a criação inteira geme em dores de parto, aguardando a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,22)³², e proclama que, no fim, “a morte será tragada pela vitória” (1Cor 15,54)³³. A espiritualidade cristã, portanto, não se limita a recordar o que Deus fez nem a viver o que Ele faz, mas também a esperar confiantemente o que Ele fará.

Essa dimensão escatológica impede duas reduções perigosas: de um lado, a espiritualidade como mero consolo psicológico, desligado da história; de outro, a espiritualidade como puro ativismo social, sem horizonte transcendente. A esperança cristã mantém viva a tensão

³⁰ BÍBLIA SAGRADA, Jo 6,51.

³¹ BÍBLIA SAGRADA, 1Cor 10,16.

³² BÍBLIA SAGRADA, Rm 8,22.

³³ BÍBLIA SAGRADA, 1Cor 15,54.

entre o “já” e o “ainda não”: já fomos libertos em Cristo, já experimentamos a graça que transforma, mas ainda caminhamos na expectativa da libertação plena.

A tradição teológica contemporânea tem insistido nesse ponto. Jürgen Moltmann, em sua *Teologia da Esperança*, recorda que a fé cristã é essencialmente orientada para o futuro, e que a esperança não é fuga, mas força transformadora no presente³⁴. Gustavo Gutiérrez, por sua vez, ao falar da libertação integral, mostra que a esperança escatológica não anula a luta histórica, mas a fundamenta: é porque esperamos a plenitude que podemos agir com coragem no hoje³⁵.

Essa esperança, porém, não é apenas uma categoria teórica. Ela toca diretamente os desafios do nosso tempo. Em um mundo marcado por desigualdades sociais, violência estrutural, crise ecológica e crescente secularização, a esperança cristã se torna fermento de resistência e de compromisso. Ela impede que a fé se reduza a intimismo espiritual ou a mero discurso moralizante, e a projeta como força de transformação histórica. A promessa da glória futura ilumina a luta por dignidade no presente, inspira a defesa da vida em todas as suas formas e sustenta a perseverança diante das frustrações e derrotas.

Assim, a espiritualidade cristã é peregrinação: vive da memória da libertação passada, da experiência atual da graça e da promessa da glória futura. Essa esperança não aliena, mas sustenta a perseverança, inspira a prática da justiça e fortalece a comunidade dos fiéis. A graça glorificante é, portanto, o horizonte último da ação libertadora de Deus, no qual a fé e as obras encontram sua consumação.

Conclusão

A espiritualidade cristã se revela como caminho integral de libertação, articulado em três dimensões inseparáveis. Primeiro, a graça salvífica, dom proveniente de Deus, que nos alcança sem mérito e nos liberta do pecado. Depois, a graça santificante, que transforma a vida presente, tornando a fé viva em obras e sacramentos, e gerando comunidades reconciliadas e solidárias. Por fim, a graça glorificante, horizonte escatológico em que a libertação se consumará plenamente na comunhão eterna com Deus.

Do dom proveniente à vida transformada, e desta ao horizonte da glória, a espiritualidade cristã mostra-se como experiência total: memória do passado, compromisso no presente e esperança no futuro. Assim, a ação libertadora de Deus não é apenas lembrança ou promessa, mas realidade viva que sustenta a caminhada e abre a história à plenitude da vida.

³⁴ MOLTSMANN, 2001, p. 112.

³⁵ GUTIÉRREZ, 1981, p. 45-46.

Em um mundo marcado por desigualdades sociais, crises de sentido, violência estrutural e ameaça ecológica, essa visão da graça como ação libertadora permanece atual e necessária. Ela recorda que a fé não é fuga da realidade, mas força de transformação; não é intimismo espiritual, mas compromisso comunitário; não é promessa vazia, mas esperança que sustenta a luta por justiça e fraternidade. Publicar esta reflexão é, portanto, oferecer ao debate teológico e pastoral uma contribuição que une tradição e atualidade, memória e profecia, fé e compromisso. Assim como um ato de esperança com a transformação da realidade.

Referências

- AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos. Petrópolis: Vozes, 1997.
- AGOSTINHO. **De gratia et libero arbitrio**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LUTERO, Martinho. **Da Liberdade Cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Loyola, 2001.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.